

A HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO HOTEL CAMBRIDGE E SUAS INFLUÊNCIAS EM HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL

Otávio Martins de Freitas (IC) e Denise Antonucci (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Segundo o IBGE a cidade de São Paulo conta com 290 mil prédios vagos e/ou em desuso, e no centro, especificamente, o número é de 33 mil edifícios. Sabe-se também que o déficit habitacional atingiu o número de 1.226.071 unidades em 2019 (pesquisa realizada pela Fundação João Pinheiro), com isso, ocupações em edifícios de condições precárias e abandonados foram se tornando mais comuns, com mais famílias morando em espaços cada vez menos seguros. Diversas medidas, tanto no âmbito legal quanto no âmbito político, foram tomadas para que o número de ocupações diminuísse ou até mesmo se extinguisse, porém sem considerar a condição em que seus moradores se encontram. Esse artigo visa analisar o método de Retrofit como solução para o “problema” das ocupações e como ele poderia influenciar e/ou ser influenciado por seus moradores. A pesquisa tem como foco o edifício Residencial Cambridge, antiga ocupação Hotel Cambridge, localizado no centro de São Paulo mais especificamente na Avenida Nove de Julho. Contando com o auxílio de moradores, lideranças de movimentos de moradia, instituições públicas, pesquisadores e profissionais da área, tem-se o intuito de apresentar uma visão mais ampla e concreta sobre o processo. Ao analisar as informações desenvolvidas ao longo do texto pretende-se colocar em pauta o desenvolvimento e maiores pesquisas no campo do Retrofit para que se possa reocupar o centro de São Paulo de maneira mais segura.

Palavras-chave: Ocupação. Retrofit. Habitação de Interesse Social

ABSTRACT

According to IBGE the city of São Paulo has 290 thousand buildings vacant and/or a state of disuse, the city center specifically has 33 thousand of those buildings. It is also known that the housing deficit reached the number of 1.226.071 units in the year of 2019 (research conducted by João Pinheiro Foundation), with this, the occupation in those unsuitable buildings became even more frequent, with more families occupying spaces that become progressively less safe. Many actions in the legal and in the political sphere have been taken to reduce and even eradicate the occupations, but without once getting in touch with the state that the people inside the occupation are living in. This article aim is to analyze the Retrofit method as a solution for the occupation “problem” and how could it be influenced/ influence those who live in occupations. The research focuses on the building Residencial Cambridge, former occupation Hotel Cambridge, located in the city center of São Paulo more specifically in the

Nove de Julho Avenue. Counting with the help of residents, housing movement leaders, public institutions, researchers and professionals on the topic, the objective is to widen and consolidate the view on the process of Retrofit. By analyzing the information throughout the text, the objective is to bring to the limelight the research and development on the Retrofit side, so it makes safe the process of reoccupying the center of São Paulo.

Keywords: Occupation. Retrofit. Social Housing

1. INTRODUÇÃO

O centro de São Paulo, desde sua fundação, é tido como um polo comercial e político importante, local que sediava diversos encontros que norteariam a cidade paulista, para tanto a região central da cidade foi dotada de ampla infraestrutura. Porém, conforme a cidade foi se expandindo, também o foram as áreas de enfoque político e econômico. Em meados do Século XX o polo econômico da cidade de São Paulo mudou-se do centro para regiões, até então, consideradas distantes, como por exemplo a Avenida Paulista e, posteriormente, a Avenida Faria Lima. Com essa retirada de atividades econômicas do centro, muitos edifícios foram sendo abandonados, como os hotéis e prédios residenciais.

Como consequência, muitos edifícios se degradaram, com más condições estruturais e baixa qualidade de vida. Gerando condições perigosas de uso para a população que é, sob diversos âmbitos, negligenciada pelo Estado, acabando por recorrer a ocupações como meio de sobrevivência. Por mais que essa forma de morar represente um teto para muitos que se encontram em situação precária, ajudando-os a arranjar empregos, ainda existe o empecilho que é a ocupação ser vista como ilegal. Apresenta-se, aqui, como solução, a legitimação por meio do Estado e a requalificação dos edifícios via Retrofit, pontos que a pesquisa pretende analisar.

O interesse da pesquisa surgiu a partir da leitura de *Occupied city: Hotel Cambridge and Central São Paulo between urban decay and resurrection*, pesquisa de Jeorem Stevens, publicada em 2017 como parte do livro *From Conflict to Inclusion in Housing: Interaction of Communities, Residents and Activists*, que trouxe um novo olhar sobre a influência das ocupações e seu modo de viver em comunidade, levando a pensar em como seria possível melhorar a infraestrutura que impacta diretamente a vida das pessoas que se encontram nessa situação e como seria possível trazer dignidade e legitimidade para seu morar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico foi baseado em seleção de autores cujas pesquisas e temas se sobressaem em relação as contrapartes da mesma área de estudo. Para tanto, foi levado em conta o impacto que tais conteúdos tem na pesquisa e no debate sobre Retrofit e habitações de interesse social.

No âmbito da Habitação de Interesse Social é importante analisar a leitura da história das habitações em São Paulo nos excertos de Bonduki (2000 e 2011) e Lemos (1989).

Já sob a ótica das ocupações e, especificamente, o Hotel Cambridge, as leituras de Jeroen Stevens (2017) e Kohara (2013).

Sob o foco no aprofundamento em Retrofit, os autores utilizados foram F. Flourentzou e C.-A. Roulet (2002).

3. METODOLOGIA

Para que se pudesse realizar a pesquisa, sua primeira fase foi centrada no aprofundamento bibliográfico com enfoque nas ocupações, para que se entendesse a forma de morar e como se dão os processos internos e externos das ocupações, juntamente ao processo de criação e implementação de habitações de interesse social. Seguida então por um levantamento bibliográfico que era, por sua vez, focado no aprofundamento dos conhecimentos na área de Retrofit e/ou restauro.

Posterior à classificação bibliográfica, foi feito levantamento para que fossem obtidos dados e plantas prévios à ocupação, durante a mesma e às elaboradas para o que viria a ser chamado Residencial Cambridge.

Foram feitas visitas à ocupação Nove de julho para que se pudesse entender a relação dos moradores com a ocupação.

A realização de visitas ao próprio Residencial Cambridge e o acompanhamento de uma aula de campo realizada pelo 7º período da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), para que se pudesse visualizar a execução da obra. Feito também um posterior debate com lideranças da ATHIS Peabiru sobre o processo e as peculiaridades do projeto.

Mediante a entrada tardia dos moradores em suas respectivas residências, não foi possível executar de forma correta e completa a metodologia de análise descrita no livro Avaliação Pós-Ocupação (Rosaria Ono, et al, 2018), levando a uma adaptação que analisa diversos pontos citados, porém sem que se possa registrar a opinião do morador do local.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 HIS e processos urbanos

Com o imenso número de prédios abandonados e o déficit de moradia como citado previamente no artigo, fica claro o motivo de muitos dos cortiços e ocupações da capital paulista se localizarem no centro de São Paulo, como é o exemplo do Hotel Cambridge, no entanto, deve-se entender por que a população se submete a condições precárias de vida no centro em detrimento de habitações sociais na periferia. E deve-se entender também como os órgãos públicos voltaram sua atenção para o centro da cidade.

Uma visão que pode ser entendida como uma explicação plausível para tal condição é a de Bonduki (2014). O autor escreve que a arquitetura das habitações de interesse social é vista como uma arquitetura de segunda categoria e que estas deveriam se situar longe por serem mais baratas, como fica explícito neste trecho:

Em um momento de acelerada urbanização e de consolidação das periferias urbanas, essa produção majoritariamente desprovida de qualidade criou a falsa ideia de que a habitação popular não podia ser compatível com uma boa arquitetura. Para os pobres, restou a homogeneidade dos conjuntos habitacionais padronizados, implantados em bairros-dormitório distantes e isolados, ou a precariedade dos assentamentos informais, onde as casas, autoconstruídas e autofinanciadas, estavam quase sempre inacabadas (BONDUKI, 2014, p.15).

Tal visão se relaciona com a de Maura Pardini Vêras (2016), que atribui o grande fluxo para cortiços e ocupações nos anos 1970 à precariedade e à distância que as habitações populares e as favelas nas periferias significavam e significam até hoje. Esses fatores somados à crise financeira de 1981 levaram a extinção do BNH (Banco Nacional da Habitação) em 1986 e o desequilíbrio no SFH (Sistema Financeiro da Habitação), e com o processo de redemocratização do país, culminando com a Constituição Federal em 1988, se inicia a transição gradual do sistema proposto, no período da ditadura militar, de habitação social para o sistema que iria se iniciar em 2004, como cita Bonduki (2014). Essa transição foi marcada pelo foco na participação mais elevada dos estados e municípios na produção habitacional, a retomada na

qualidade e na inovação das habitações, principalmente quando comparadas ao período entre as décadas de 1960 e 1980.

Dentro das inovações experimentadas durante esse período de transição, os mutirões e as autoconstruções foram as que mais se destacaram. No entanto, muitas dessas situações se localizavam nas áreas periféricas, o que, como previamente citado, leva a uma ocupação maior do centro por movimentos por moradias sociais. Há, no entanto, produções feitas por companhias dedicadas a habitações de interesse social nas regiões centrais, dentre elas se encontram as habitações criadas pela CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano) com o intuito de realocar moradores de cortiços para habitações mais bem equipadas e com uma qualidade de vida mais elevada, como citado no livro de 50 anos da companhia (Governo do Estado de São Paulo e CDHU, 2016).

4.2 Ocupações e o Hotel Cambridge

Para que se possa entender o que foi e como ocorreu a Ocupação do Hotel Cambridge, deve-se atentar a toda história do edifício, inaugurado em 1951. O Cambridge fazia parte de um conjunto de duas torres sem recuos laterais, tendo dois usos diferentes, porém, integrados: de um lado um edifício comercial que abrigava, e ainda abriga, uma série de escritórios e outros usos de cunho comercial e do outro um hotel que tinha como público-alvo a classe alta e políticos que frequentavam o centro da cidade por motivos econômicos e/ou políticos.

Tendo as atividades econômicas e, posteriormente, as políticas se afastado do centro, a proeminência e luxo do Hotel Cambridge foi decaindo, a ponto de que em 2002 ter encerrado suas atividades. Apesar de sua estrutura e bom estado, o edifício ficou 8 anos sem que houvesse qualquer projeto para seu uso. Abandonado, mas ainda com infraestrutura e espaços que poderiam servir como residência, o edifício se mostrou apto a passar por um Retrofit e se tornar HMP - Habitação de Mercado Popular. As negociações para que se transformasse o edifício em HMP não foram muito bem recebidas pela população e nem pelo movimento de habitação do centro. O motivo é bem simples, com o alto número de sem-teto nas ruas do centro que poderiam vir a desfrutar de alguma forma de suporte ou apoio, como, por exemplo, Habitação de Interesse Social na região central, tais considerações foram levadas de forma persistente e incisiva para a discussão sobre o uso do “finado” Hotel Cambridge. Mesmo apresentados com fatos e argumentos, a gestão pública decidiu por não acatar

as reivindicações dos movimentos, alegando alto custo e dificuldade na execução da reforma, Tal falta de consideração e negligência para com os sem-teto levou os movimentos a atuar de uma forma que é comumente vista como radical: a ocupação.

Durante o período de ocupação, iniciado em 23 de novembro de 2012, as discussões não cessaram, visto que ainda existia o interesse do Estado em executar a obra, pois havia, previamente, a intenção de adquirir o edifício. Tal processo e discussão resultou na aprovação de uma especificidade, o projeto seria uma HIS mediante ao fato de que seria incluída no Programa Minha Casa Minha Vida Entidades Reformas, setor do PMCMV que possui poucas unidades no Brasil, mas que possibilitou atender às reivindicações dos movimentos em transformar em HIS o Hotel. O projeto foi realizado em parceria com a ATHIS Peabiru, que possui experiência nesta atividade. Para tanto, em 2016, o edifício foi oficialmente adquirido e iniciou-se o processo de aprovação da obra. Tal aprovação só veio a ocorrer em 2018, tendo a obra se iniciado em 2019. Durante o período entre a aprovação da obra e seu início, foram elaborados diversos projetos pela COHAB - Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo e, posteriormente, pela ATHIS Peabiru, todos visando a melhoria da condição dos moradores, para tanto os moradores foram consultados inúmeras vezes sobre o que e como se podia melhorar suas condições de moradia. A obra é, oficialmente, finalizada no ano de 2022, com a volta dos moradores para o edifício.

4.3 Retrofit o que é e como ocorre

Para se compreender o processo de transformação do Hotel Cambridge em HIS deve-se entender de forma precisa o que constitui um Retrofit. Segundo Flourentzou e Roulet (2002), existem duas formas de se reutilizar um edifício: uma reforma completa do edifício ou o Retrofit. A diferença é que a reforma tem como princípio restaurar o edifício para uma condição utilizável, com seu uso original e condições similares à sua origem, e o Retrofit tem como objetivo atualizar o edifício, dando um novo uso ou atualizando as características que possuía anteriormente. Segundo os autores, há também a necessidade de se analisar qual a demanda do edifício, seguindo em princípio uma leitura estrutural, ou seja, quais as condições em que o edifício se encontra e em segundo lugar quais as condições sociais e de entorno. Após tal análise é que se inicia o processo de reforma ou o processo de Retrofit. No caso do Hotel Cambridge, não só o edifício se encontrava em condições adequadas para que houvesse o Retrofit, que se encaixam em uma estrutura que permanece

adequada e um uso que não é mais o mesmo, possuindo agora novas demandas e particularidades.

4.4 As quatro plantas do Hotel Cambridge

Conforme foi abordado anteriormente, o Hotel Cambridge possuiu 3 grandes identidades, a primeira como Hotel, a segunda como ocupação e a terceira como Habitação de Interesse Social. Para cada uma de suas identidades houve uma disposição das plantas e de seus usos - a terceira identidade tendo ainda duas plantas e/ou projetos contemplados. Entretanto algo que se mantém em comum nos projetos desenvolvidos para HIS pela COHAB e pela ATHIS Peabiru é a redução no número de elevadores de 3 para 2, transformando o terceiro poço de elevador em um shaft de ventilação para que se atenda as normas de segurança, que permitiu a manutenção da escada original do edifício, mesmo que não se adeque ao que é previsto atualmente.

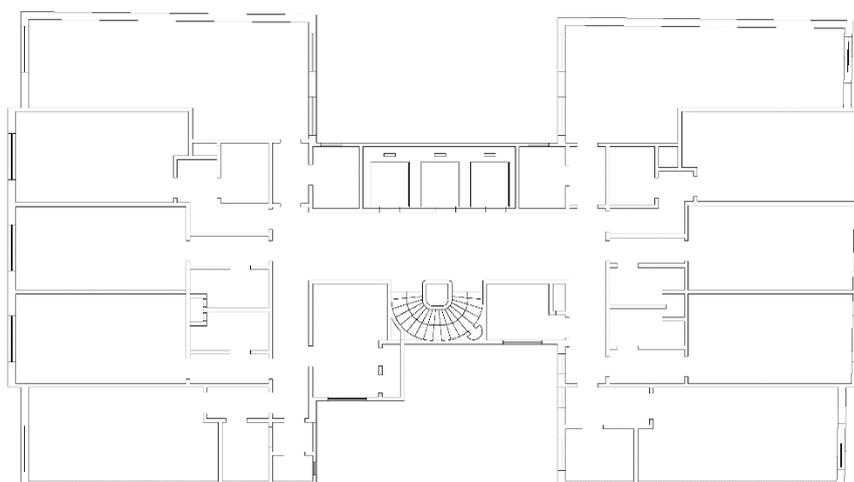


Imagem 1 – Planta tipo, projeto original. Fonte: COHAB

O Hotel, contava com uma estrutura espaçosa, que acomodava confortavelmente seus hóspedes, contando com 10 suítes por andar, divididos pela circulação vertical em 5 suítes para cada lado, que contavam com ventilação artificial na grande maioria de seus banheiros. Com relação aos revestimentos, contava com piso de tacos que posteriormente, ainda em seu uso como hotel, vieram a ser revestidos com carpetes.

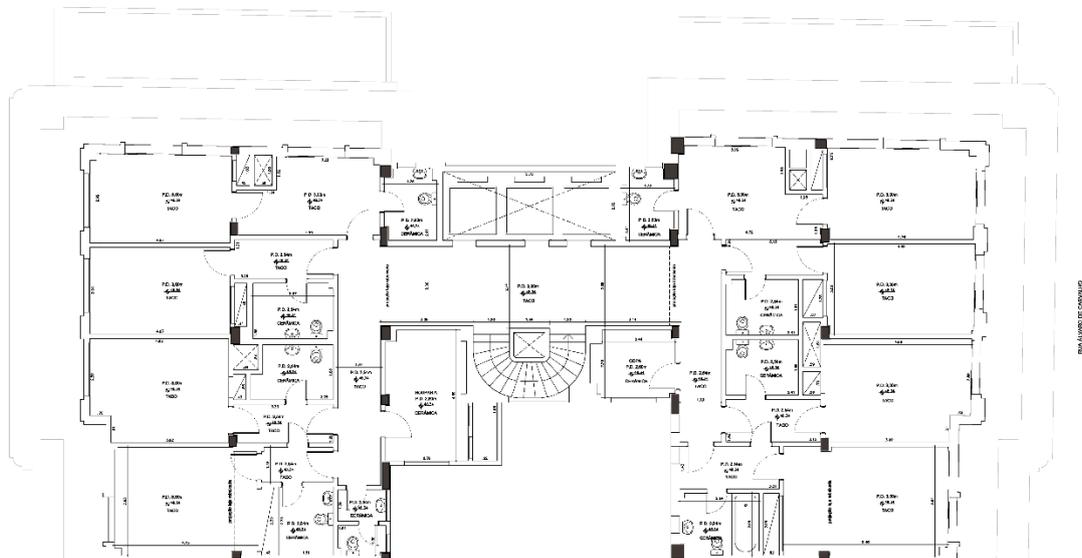


Imagem 2 – Planta tipo, levantamento do período de ocupação. Fonte: COHAB

Já durante o período de ocupação, suas características estruturais e dimensionais foram pouco alteradas, mantendo inclusive o carpete supracitado. Algo que se mostrava um empecilho para os moradores da ocupação era a ausência de cozinha projetada para os quartos que viriam a se tornar residências de famílias completas.

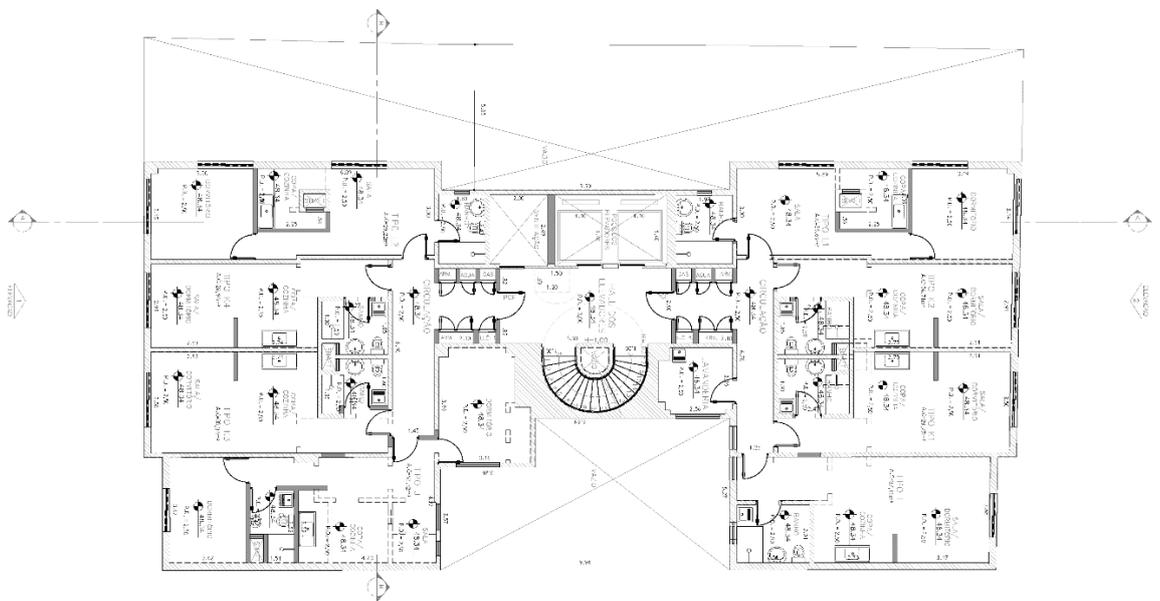


Imagem 3 – Planta tipo, projeto COHAB. Fonte: COHAB

Com a aprovação, pela prefeitura, para que se torna-se um empreendimento HMP, a dinâmica das suítes foi alterada, passando agora a serem vistas como pequenos apartamentos. Dentre as mudanças previstas pelo projeto da COHAB, incluiu-se a adição de uma cozinha por apartamento posterior à entrada e ao banheiro, e a adaptação dos banheiros para se dispor os equipamentos necessários, prevendo um tanque para cada apartamento, mesmo que tendo sido proposta uma lavanderia coletiva por andar.

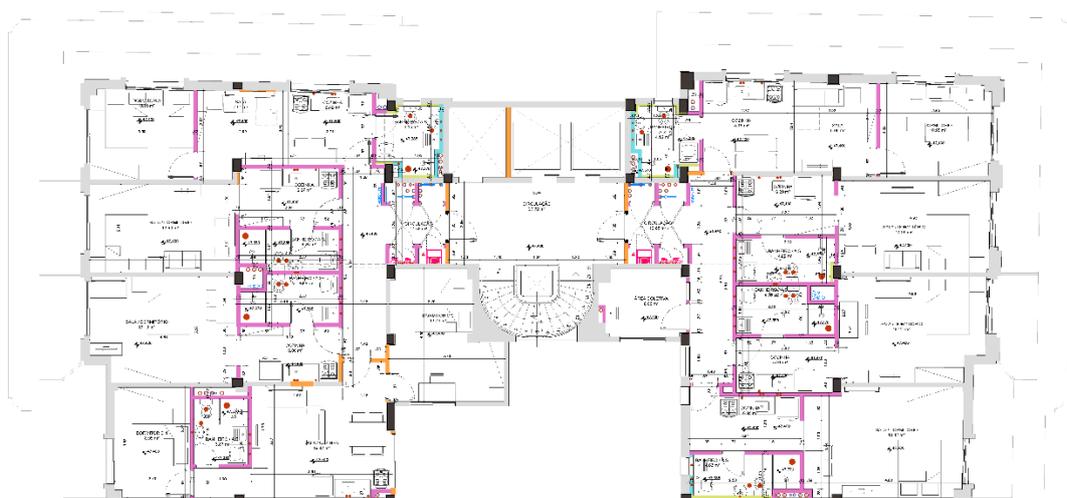


Imagem 4 – Planta tipo, projeto ATHIS. Fonte- ATHIS Peabiru

Posteriormente, foi criado, desenvolvido e aplicado o projeto da ATHIS Peabiru em conjunto com o MSTC - Movimento Sem-Teto do Centro, que traz mudanças substanciais ao projeto da COHAB. Um dos principais pontos que foram alterados é a localização da cozinha, uma vez que essa foi realocada para junto da entrada na frente do banheiro, mudança essa que traz mais espaço para o apartamento, visto que a cozinha, por exigência da Comgás, deve estar separada de onde será o convívio e local em que se dorme. Outra grande diferença foi a mudança da lavanderia coletiva, uma vez que foi englobada pelo banheiro, deixando o seu local como um espaço de geração de trabalho e renda, que pode ser utilizado pelos moradores para que se possa instalar, por exemplo, um salão de cabelereiro. Quanto aos revestimentos, o projeto apresenta o piso de tacos original do Hotel, que por ter sido coberto com carpete por anos, manteve-se bem conservado.

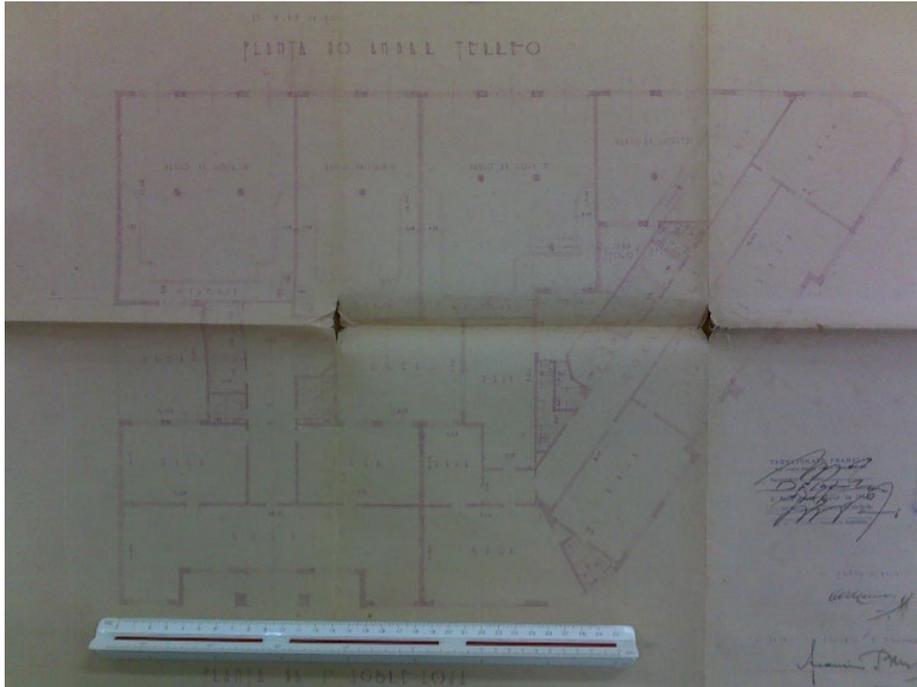


Imagem 5 – Planta térreo, projeto original. Fonte: COHAB

Faz-se necessário a análise do pavimento térreo do edifício, que durante sua fase como Hotel trazia um hall cercado por lojas na sua fachada da Av. Nove de Julho, em sua fachada da R. Álvaro de Carvalho se localizavam os depósitos das lojas que ficavam ao nível da R. Álvaro de Carvalho que está em uma cota acima da Nove de Julho. Tal forma de dispor seus usos é proveniente de uma tentativa de unir o prédio comercial, que se encontra representado à direita na folha acima, e o prédio do Hotel, ambos do mesmo proprietário.

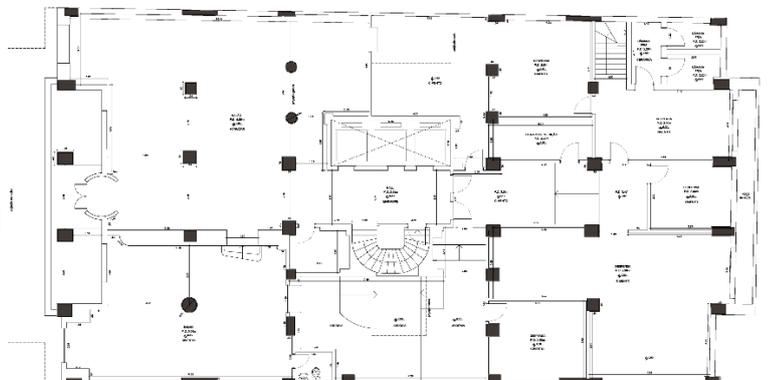


Imagem 6 – Planta térreo, levantamento do período de ocupação Fonte: COHAB

Diferente de seus pavimentos superiores que durante a fase de ocupação demonstraram pouca alteração em seus usos e formas, o pavimento térreo traz uma mudança completa nos usos. Houve a remoção das lojas locadas na Nove de Julho dando espaço para dois grandes salões e na fachada da Álvaro de Carvalho, os antigos depósitos das lojas foram transformados em despensas para a ocupação.

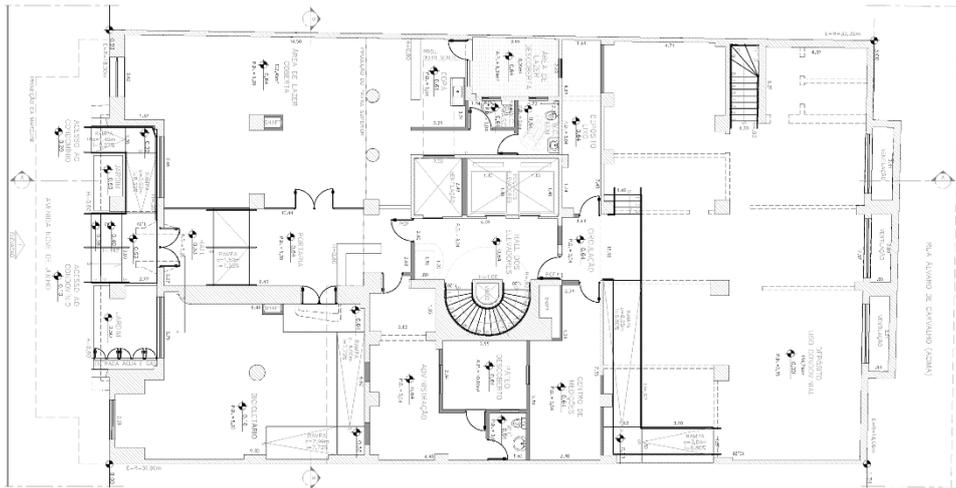


Imagem 7 – Planta térreo, projeto COHAB. Fonte: COHAB

No projeto elaborado pela COHAB, grandes mudanças foram feitas, pretendendo voltar à forma original do hall de entrada do edifício, porém sem o uso de lojas e sim de uma área de lazer coberta e um bicicletário, deixando a portaria recuada e estreita. Em sua fachada voltada à Álvaro de Carvalho manteve-se o conceito de depósito, no entanto sem muitos obstáculos físicos, visto que pretendia-se demolir as paredes que geravam tal diferença.



Imagem 8 – Planta térreo, projeto ATHIS. Fonte: ATHIS Peabiru

Em seu projeto, a ATHIS Peabiru trouxe diversas mudanças em relação ao que foi projetado pela COHAB, dentre elas os usos. Na fachada da Nove de Julho, o hall foi ampliado e integrado ao saguão de entrada e onde, no projeto da COHAB, se localizava o bicicletário, foi inserido um salão condominial. As principais mudanças foram da fachada da Álvaro de Carvalho, visto que a Peabiru prevê um bicicletário unido aos reservatórios inferiores, mudança drástica do uso como depósito que o outro projeto previa. É dito por Alexandre Hodapp, membro da Peabiru a frente do projeto do Residencial Cambridge, em visita guiada que é possível que o uso como bicicletário seja restrito a uma pequena parte e o resto seja utilizado pelos moradores como um local de armazenamento.

4.5 Influências dos Moradores

Deve-se ater ao fato de que os moradores da ocupação não foram meros figurantes nesse processo projetual, sendo inclusive uma parte bem ativa do projeto. Em contato direto com a Peabiru, os moradores fizeram pedidos e exigências de alterações no projeto da COHAB, sendo o maior dentre eles a retirada da lavanderia coletiva, tornando-se uma lavanderia por apartamento. Tal pedido, que foi atendido pela ATHIS, levou a uma indagação por parte dos arquitetos da Peabiru, visto que a ocupação leva os moradores a terem um estilo de vida mais coletivo. Indagação essa que veio a ser sanada, pois os moradores, por mais que tenham e levem esse estilo de vida coletivo, ainda querem se manter como indivíduos e ter sua singularidade e privacidade respeitadas.

Tal fenômeno de quebra de estilo de vida coletiva em seu aspecto mais amplo pode ser visto novamente quando se implementa o condomínio; que muda de forma drástica como se veem os espaços de uso comum do edifício, por gerarem dinâmicas de normas e regras a serem seguidas. Situações de vida coletiva, como horários e formas de se usar as áreas públicas do prédio, como churrasqueira e salão de festas.

Como foi teorizado durante uma aula de campo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade da cidade de São Paulo, tal forma de ver a vida agora em HIS pode ser um método de se defender de novos problemas. Tais como novos gastos, como por exemplo o já citado condomínio que atinge o valor de R\$ 270,00 mensais, encarecido por englobar o salário de um porteiro (agência terceirizada), pedido feito pelos moradores, que pode vir do costume das ocupações que possuem porteiros - sempre alguém da ocupação. A defesa de sua habitação recém adquirida

pode ser vista novamente, quando se é instalado o sistema pró-áqua, que apesar de mais caro na hora de sua instalação, gera contas individuais - medição, trocando o atual e clássico sistema de somar todos os gastos e depois cobrar de uma forma geral do prédio, podendo prejudicar a todos caso um morador não pague sua conta, pensamento este que levou aos moradores a arrecadarem dinheiro para pagar a instalação do sistema.

No entanto, a brinquedoteca de uso comum do prédio, foi uma demanda dos moradores que veio de uma forma que visa e consegue manter o espírito de comunidade, advindo da forma de habitar uma ocupação.

4.6 Pós-obra e suas influências

O papel do Hotel Cambridge, portanto, ultrapassa o papel de uma HIS somente, com participação ativa de seus moradores e uso de uma edificação que necessitava de um processo caro como o Retrofit, mas que é recompensado por sua localização e infraestrutura próxima, o Residencial Cambridge passa a ter um papel de inspiração e ponto de partida para que se possa projetar uma cidade que acolhe os mais necessitados sem que os isole para a periferia.

Tamanho é sua influência, que em 2022 foi anunciado o início do processo legal para que a Ocupação Prestes Maia venha a passar pelo processo de Retrofit e se tornar uma habitação de interesse popular assim como o ocorrido no Residencial Cambridge.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de leituras, conversas, visitas e aulas analisadas, foi possível realizar uma estruturação de argumentos para que se torne um ponto de discussão o uso do Retrofit para a construção de Habitações no Centro de São Paulo.

Por mais que não houvesse a possibilidade de analisar o espaço plenamente ocupado por seus residentes, devido ao período em que os moradores mudassem, devidamente, para suas novas residências, ainda foi plausível obter informações significativas de como foram os impactos dos moradores no projeto.

Nota-se que mesmo “engessados” pela forma de construir que é o Retrofit e a escassa verba disponível para tal feito, os arquitetos da ATHIS Peabiru conseguiram atender de forma mais do que adequada os pedidos dos moradores, contemplando desde suas áreas comuns até suas unidades individuais.

A pesquisa se mostra relevante uma vez que compreende as dificuldades projetuais envolvidas em um processo de Retrofit e as nuances que um projeto de Habitação de Interesse Social voltado a ex-moradores de ocupações pode trazer. Entretanto demonstra que a união desses dois conceitos intrinsecamente ligados e dispares leva a projetos que podem reduzir o impacto que construções periféricas e massificadas de HIS têm na vida das pessoas e no meio ambiente.

6. REFERÊNCIAS

ARDENTE, Fulvio; BECCALI, Marco; CELLURA, Maurizio; MISTRETTA, Marina. Energy and environmental benefits in public buildings as a result of retrofit actions. In: RENEWABLE and Sustainable Energy Reviews. [S. l.: s. n.], January 2011. p. 460-470. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1364032110003096#!>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BONDUKI, Nabil. Os pioneiros da habitação social: Cem anos de política pública no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2014. v. 1.

FERREIRA, João S. W. (coord.). Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil urbano. Parâmetros de qualidade para a implementação de projetos habitacionais e urbanos. São Paulo: FUPAM, 2012.

FLOURENTZOU, Florentzos; ROULET, Claude-Alain. Elaboration of retrofit scenarios. In: ENERGY and Buildings. 2. ed. [S. l.: s. n.], Fevereiro 2002. v. 34, p. 185-192.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/Centro de Estatísticas e Informações. Deficit. In <http://fjp.mg.gov.br/deficit-habitacional-no-brasil/> Acesso em: 20 ago. 2022.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais e luta pela moradia. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

KOWARICK, Lúcio, & Ant, Clara. (1982). O Cortiço: Cem Anos de Promiscuidade. *Novos Estudos CEBRAP*, 2(Abril), 59-70

KOWARICK, Lúcio; FRÚGOLI, Heitor. Pluralidade urbana em São Paulo: Vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo: Editora 34, 2016.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

SANCHES, Débora; STEVENS, Jeroen; PIOTTO, Marcelle. OCUPAÇÕES E URBANISMO INSURGENTES: área central de São Paulo. III ICHT 2019, São Paulo, 18 abr. 2019.

STEVENS, Jeroen. Occupation & city: the protourbanism of urban movements in central São Paulo. 2018. Tese de Doutorado (Doutorado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, [S. l.], 2018.

TRANI, Eduardo; GUSSONI, Maria de Lourdes Badejo (org.). CDHU: 50 Anos Promovendo a Habitação Social no Estado de São Paulo. 1. ed. São Paulo: [s. n.], 2016.

Vídeo

À MARGEM do Concreto. Direção: Evaldo Mocarzel. São Paulo: 24 VPS Filmes, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eucSrXW5SdE>. Acesso em: 18 abr. 2021.

Contatos:

Otávio Freitas – otaviofreitas8@gmail.com

Denise Antonucci - denise.antonucci@mackenzie.br